

Os estudantes na luta antifascista: a luta estudantil desde os anos 40 até ao derrubamento do fascismo

(José Manuel Jara)

A presença dos estudantes na luta pela liberdade tem forte expressão em todo o longo período de existência da ditadura fascista. O fascismo não conseguiu viver sossegado nas Universidades, nunca contando senão com um escasso apoio de estudantes aderentes ao regime. O “movimento estudantil”, embora não se reduzindo ao movimento associativo tem aí a sua base fundamental, a sua ligação à grande massa dos estudantes universitários.

Sabe-se que a condição de estudante é transitória, um período de uns poucos de anos, uma geração breve. O movimento estudantil é permeável às influências da sociedade e das lutas populares, recetivo pela sua juventude a novas ideologias. As grandes lutas de 1962 (Lisboa) e 1969 (Coimbra) são momentos altos, envolvendo milhares e milhares de estudantes em luta pela **liberdade de reunião, associação, expressão e informação**, que foram severamente reprimidos com forte violência policial. A um período de grande ímpeto e pujança na luta, sucede a fase de refluxo, ditada por limites intrínsecos e pela repressão fascista.

Nos anos 40, ainda durante o período da guerra os estudantes de Lisboa e Coimbra fizeram greve contra o aumento de propinas e ainda em 1944 foi eleita uma lista democrática para a direção da AAC. Na euforia do pós-guerra os estudantes participaram em grandes manifestações da vitória contra o nazi-fascismo e as Associações de Estudantes tomaram um novo vigor concomitante com a criação do MUD Juvenil.

Esta dinâmica não deixou em paz o fascismo. Em Março de 1947, apesar da proibição governamental, várias associações de estudantes universitários de Lisboa e do Porto levaram a cabo comemorações do Dia do Estudante. A polícia invadiu as instalações da Faculdade de Medicina de Lisboa. No mesmo período a direção do MUD Juvenil é presa e são demitidos **26 professores universitários de várias faculdades**, entre os quais alguns dos seus grandes valores. A Associação de Estudantes de Medicina de Lisboa viria a ser definitivamente encerrada em 1953. As restrições à liberdade de formação de associações, tem maior expressão no Porto onde apenas foi legalizada a Associação de Farmácia e, por breve tempo, a de Belas Artes.

Os estudantes na luta antifascista: a luta estudantil desde os anos 40 até ao derrubamento do fascismo

(José Manuel Jara)

Já em 1952 os estudantes universitários de Medicina, do Instituto Superior Técnico e de Belas Artes de Lisboa juntaram-se num protesto contra uma reunião do Pacto do Atlântico. São expulsos 15 estudantes de Belas Artes.

O âmbito do movimento estudantil, centrado embora principalmente na vida académica e na vida associativa com interesse para as amplas camadas de estudantes, não deixa de exprimir-se como uma vontade de plena cidadania democrática nos períodos eleitorais (1958, 1961, 1969 e 1973), que contam com ampla participação da juventude estudantil. Nesse sentido é de grande significado político o abaixo-assinado de Maio de 1959, subscrito por 402 estudantes das três academias reclamando o afastamento de Salazar.

Em 1956 o governo fascista dá à luz o decreto 40 900, visando controlar a atividade das associações de estudantes e restringir drasticamente o seu âmbito de ação. Em resposta, o Movimento Associativo a nível nacional fundamenta as suas razões de recusa da lei numa petição subscrita por três mil estudantes que é entregue em **6 de Janeiro de 1957** na Assembleia Nacional apoiada numa concentração de dois mil estudantes. O governo recua e suspende a ratificação do decreto.

A década de 60 é a das grandes lutas estudantis, lutas que mobilizaram milhares de estudantes, que os consciencializaram politicamente, que geraram dirigentes de grande valor e reforçaram a frente de luta pela democracia e contra o fascismo. O movimento associativo abriu-se à sociedade, à população de Lisboa, Coimbra e Porto, ao país, que pôde ver de forma transparente a verdadeira face repressiva, violenta e policial do regime fascista.

Em 1962 convém fixar a data de **24 de Março**, uma Primavera anunciada. Grande luta pelo direito de reunião! Pelo direito ao convívio e à festa coletiva do Dia do Estudante. Previamente fora proibida a reunião de 9 a 11 de Março do Primeiro Encontro Nacional de Estudantes em Coimbra. No dia 24 de Março a proibição da comemoração nacional **do Dia do Estudante** é consumada pela invasão policial da Cidade Universitária e pelo encerramento da cantina. O plenário de estudantes reunido no Estádio Universitário é varrido por cargas policiais. Em 25 de Março os líderes estudantis reunidos na RIA (no órgão “reunião interassociações”) decretam o luto

Os estudantes na luta antifascista: a luta estudantil desde os anos 40 até ao derrubamento do fascismo

(José Manuel Jara)

académico, a greve às aulas a partir de 26 de Março. Demissão do Reitor. Sucessivas cargas policiais, atentando contra o direito de reunião. Em 13 de Abril o MEN suspende as direções das associações de estudantes de Lisboa e proíbe as atividades das Pró-associações de Letras, Medicina e Belas Artes. Suspende no início de Maio a direção da AAC e revoga parte dos Estatutos. Em Lisboa **luto académico** total com greve às aulas, frequências e exames. Em 9 de Maio, greve da fome de 80 estudantes na Cantina da Cidade Universitária. Mil e quinhentos estudantes solidários ocupam as instalações. Invasão policial da cantina e prisões em massa na madrugada de 11 de Maio. Prisões de dirigentes associativos. Em Junho, penas de expulsão a estudantes de Coimbra e Lisboa.

A luta estudantil converge neste ano com grandes movimentações populares por todo o país. A repressão acaba por fazer recuar a luta. Mas o regime ficou abalado. Nos anos subsequentes a repressão irá ser seletiva, atingindo no essencial a organização estudantil do Partido Comunista Português em Lisboa (1965).

O Movimento Associativo tem uma nova grande luta já no fim da década de 60, desta vez com expressão máxima em Coimbra. A AAC depois de um interregno em que é gerida por uma CA volta a ser dirigida em 7 de Março de 1969 por uma direção eleita por um processo democrático e mobilizador de organismos autónomos de estudantes e da massa estudantil. Retoma do movimento. Objetivos consagrados, a melhoria das condições pedagógicas, a aplicação prática de direitos democráticos, incluindo o de ver representados os estudantes nos órgãos académicos. A **data de 17 de Abril** deve ser retida.

Na inauguração do edifício das Matemáticas com a presença do PR e de elementos do Governo é recusada a palavra ao presidente da AAC. Está despoletado o processo em resposta à infame recusa da liberdade de expressão ao representante dos estudantes. Protestos justos são reprimidos. Em 18 de Abril o Presidente da AAC é preso, depois é libertado. O MEN suspende oito estudantes dos órgãos diretivos da AAC, da Junta de Ciências e da Comissão Nacional dos Estudantes Portugueses (CNEP). Em Assembleia Magma amplamente participada por milhares de estudantes é decretado o luto académico em 22 de Abril. Centena e meia de professores manifesta solidariedade com os estudantes. O MEN determina o encerramento da Universidade

Os estudantes na luta antifascista: a luta estudantil desde os anos 40 até ao derrubamento do fascismo

(José Manuel Jara)

até aos exames em 5 de Maio. A 28 de Maio é decretada greve a exames em nova Assembleia Magna. A cidade de Coimbra é cidade dos estudantes em luta e a sua população é solidária com a revolta antifascista que se prolonga por meses. O governo encerra a AAC em Agosto. Quarenta estudantes mais destacados na luta são incorporados no exército. A luta, largamente vitoriosa, tem depois o período de recuo. Mas a semente foi lançada. Este movimento, foi premonitório no meio estudantil do fim do regime que se aproximava e o maior desmentido prático da demagogia liberalizante do marcelismo.

O movimento associativo estudantil tentou repetidas vezes consagrar-se numa vasta unidade abrangendo as várias academias. O fascismo temia tudo o que fosse movimento federativo de âmbito nacional, encontros, comemorações, iniciativas festivas ou organismos. Depois da “crise de Coimbra” já não haverá um movimento estudantil da mesma amplitude política.

Em **Lisboa**, algumas correntes no movimento estudantil contrariam o caráter unitário do movimento associativo. Há um pulular de tendências e grupúsculos que semeiam a divisão, confundindo os níveis de expressão ideológica, política e associativa. Alguns grupos difundem a ilusão de que serão a vanguarda das classes trabalhadoras e algumas associações deixam de refletir os anseios da maioria dos estudantes. Em Lisboa, a RIA deixa praticamente de existir. A repressão policial mantém-se e refina-se num ambiente de provocações, facilitado pela fragmentação do MA. A partir de 1972 há no entanto uma renovação de direções de AAEE que lutam pelo reforço e unidade do MA.

Para alguns historiadores este período, entre 1969 a 1974 é equivocadamente considerada como de politização e de verdadeira radicalização. A frase de mera propaganda contrapõe-se à ideia de conteúdo estratégico. Um exemplo. Quando o PCP e a União dos Estudantes Comunistas defendem a Reforma Geral e Democrática do Ensino, por uma democratização de todos os níveis do ensino em Portugal, visando o acesso geral do povo à educação, os originais divulgadores da grande frase defendem a “universidade popular”. Que parece ser a mesma “universidade” com um conteúdo pedagógico “popular”, uma mudança de programa para o mesmo escol. Ou o lema

Os estudantes na luta antifascista: a luta estudantil desde os anos 40 até ao derrubamento do fascismo

(José Manuel Jara)

“todo o poder aos cursos” como paródia inconsciente da diretriz, “todo o poder aos sovietes”...

A luta contra a **guerra colonial** tem cada vez maior expressão no seio do movimento estudantil, mas os grupos radicalistas defendem quase todos a deserção e não a luta dentro das forças armadas, demonstrando a sua inconsequência prática.

No **25 de Abril**, depois do derrube do fascismo, termo da grande noite de meio século, quando o povo festeja à luz do dia a liberdade, quando a maioria dos jovens e estudantes celebram a grande conquista, alguns destes estudantes mantêm-se alheios à revolução, não a reconhecem, e escolhem como alvos os democratas revolucionários que fazem avançar a todo o vapor o comboio da História.

Lisboa, 3 de Outubro de 2014

José Manuel Jara

(Presidente da Pró-Associação de Estudantes de Medicina de Lisboa, em 1971/1972)